

# Um *MOOC* no século XVIII !

## Um lugar real como plano de estudos para um ensino onde o professor não está presente <sup>1</sup>

Pierre-Philippe Bugnard, Universidade de Friburgo Suíça

- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2018

### RESUMO

Os *MOOCs* (*Massive Open Online Courses*) estão invadindo o planeta. Portanto, os dispositivos monumentais que ocupam o centro de muitas cidades europeias, por que não considerá-los como planos plásticos de estudo atuando como pioneiros *MOOCs* ? Dispositivos ensinando ou prescrevendo os valores modernos da instituição monárquica, como as catedrais transmitiram aos analfabetos os valores da sociedade medieval. Dispositivos "abertos", disponíveis para todos, tão "massivos" - um equivalente da função "online" - e cujo mestre não está presente, de acordo com a definição de um *MOOC* !

Tomo um caso, o da "Place royale de Montpellier", a uma boa distância do "mestre ausente": o rei senta em Versalhes, dias e dias de "grands chemins" ! A cidade tem um complexo monumental projetado para edificar os habitantes do Sul para os benefícios da monarquia, com o objetivo ou a esperança de moldá-los em sua condição de súditos. Um caso emblemático suficiente, também, a reificar contexto dos modelos mais prestigiados tais grandes eixos triunfais de Berlim ou Londres centros, por exemplo, tendo um em Paris como arquétipo.

**Pierre-Philippe Bugnard** é professor emérito da Universidade de Friburgo Suíça. Ele ensinou história da educação nas Universidades de Friburgo, Neuchâtel (Suíça) e Rouen (França), depois de um doutorado em história contemporânea e estudos em Friburgo e Paris I, e uma tese de habilitação em história da educação (*Le Temps des espaces pédagogiques. De la cathédrale orientée à la capitale occidentée*, 2006 / 2d 2013). Convidado pela Pontifícia Universidade Católica de Curitiba para um curso e seminário sobre história da educação no semestre de verão de 2018.

### PALAVRAS-CHAVE

História da educação – Planos plásticos de estudo – *MOOCs* – O caso de Montpellier – O arquétipo parisiense

---

<sup>1</sup> Esta publicação é uma formatação parcial de duas intervenções nas Conferências do *International Research Association for History and Social Sciences Education (IRAHSSE)* de Roma (2012) e Braga (2016).

# Un *MOOC* au XVIIIe siècle !

## Une place royale comme plan d'études pour un enseignement où l'enseignant n'est pas présent

Pierre-Philippe Bugnard, Université de Fribourg Suisse - *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 2018

### Résumé

Les *MOOCs* (*Massive Open Online Courses*) envahissent la planète. Dès lors, les dispositifs monumentaux qui occupent le centre de maintes villes européennes, pourquoi ne pas les envisager comme des plans d'études (*Rationes studiorum*) plastiques faisant office de *MOOCs* avant la lettre ? Des dispositifs enseignant ou prescrivant les valeurs modernes de l'institution monarchique, comme les cathédrales transmettaient aux illettrés les valeurs de la société médiévale. Des dispositifs "ouverts", offerts à la vue de chacun, donc "massifs" – un équivalent de la fonction "online" – et dont le maître n'est pas présent, conformément à la définition d'un *MOOC* ! Je prends un cas, celui de la Place royale de Montpellier, à bonne distance du "maître absent" : le roi siège à Versailles, à des jours et des jours de grands chemins ! La ville est dotée d'un ensemble monumental conçu pour édifier les habitants du Midi aux bienfaits de la monarchie, avec l'objectif ou l'espoir de les mouler dans leur condition de sujets. Un cas suffisamment emblématique, aussi, pour réifier le contexte de modèles plus prestigieux, tels les grands axes triomphaux des centres berlinois ou londoniens, par exemple, en prenant celui de Paris comme archétype.

**Mots clés** : Histoire de l'éducation. Plans d'études plastiques. *MOOCs*. Le cas de Montpellier. L'archétype parisien

## A *MOOC* in the 18th century !

### A royal place as studies plan for a teaching where the teacher is not present

### Summary

*MOOCs* are invading the planet ! Therefore, the monumental devices that occupy the center of many European cities, why not consider them as studies plans (*Rationes studiorum*) in three dimensions, acting as *MOOCs* before the term ? Devices teaching or prescribing the modern values of the monarchical institution, such as cathedrals transmitted to the illiterate the values of medieval society. Devices "open", available to everyone, so "massive" – an equivalent of the "on-line" function – and whose master is not present, according to the definition of a *MOOC* ! I take a case, that of the *Place Royale de Montpellier*, a good distance from the "absent teacher": the king seat at *Versailles*, days and days of *grands chemins* ! The city has a monumental complex designed to edify the inhabitants of the South to the benefits of the monarchy, with the objective or the hope of molding them in their subjects condition. A sufficiently emblematic case, too, to reify the context of more prestigious models, such as the great triumphal axes of the Berlin or London centers, for example, by taking that of Paris as an archetype.

**Keywords** : History of education - Plastic study plans - *MOOCs* - The case of Montpellier - The Parisian archetype

## Pode um dispositivo monumental ser comparado a um *MOOC* ?

Gostaria de examinar o urbanismo histórica monumental, que marca o centro das principais capitais Euro-Pean - com analogias outro lado do Atlântico, por exemplo, em Washington - em termos de representações simbólicas que se refere a passar de hoje, ele seja turista, cidadão, estudante ... É uma questão de tomar a capital como um verdadeiro plano plástico de estudo cuja compreensão dos significados simbólicos exige uma iniciação. Um plano de estudos, isto é, a exibição pública de um programa ordenado e organizado de valores culturais, oferecendo à visão de todos um ensinamento primordial : os símbolos da vida política nacional, de um compartilhar ; as marcas de distinção social que atribuem residência às classes abastadas ou abrigam as classes pobres, cada uma em sua área específica, em suas próprias vizinhanças, por outro lado. Eu acrescentaria desde o início que a decoração das catedrais instruía - e ainda instrui - na mesma linha, os valores primordiais da sociedade medieval, sagrada e religiosa, valores que os planos moderno, secular e político, registrado nos novos aparelhos urbanos das grandes capitais, transgredindo-os e invertendo-os. Então é bom deles que estamos falando aqui.

Parece que tais espaços atendem aos princípios de um sistema de representação visual ao alcance de todos os analfabetos. Parece também que suas características essenciais se sobrepõem na maioria dos grandes capitais de origem monárquica no norte da Europa. Neste artigo, há espaço apenas para lidar com uma questão que precede uma perspectiva tão ampla de considerações : se tais currículos não correspondem, *mutatis mutandis*, à prática transmissiva digital de nossos profissionais. *MOOCs* atuais (*Massive Open Online Courses*) cuja definição e função serão lembradas posteriormente. Aqui, tal questão pode ser abordada apenas sob a condição de tratá-la dentro do quadro restrito de um caso particular estreitamente circunscrito, mas que é emblemático: o da "Place Royale de Montpellier".

Recordo simplesmente, para contextualizar, que o latim tornou-se, desde o século XIX até meados do século XX, a língua franca da burguesia, depois de ter sido a da aristocracia. A marca própria de uma elite aspirando a distinguir-se e a impor sua civilização ao mundo dentro do quadro do imperialismo colonial. Essa assim chamada língua "morta" manteve seu lugar de honra nos programas escolares das escolas secundárias até o século XX. Ao mesmo tempo, as instituições dessa civilização, que se consideram "superiores", para o melhor e para o pior, se enfeitam com a mesma antiguidade greco-romana, pelas mesmas razões. Até marcar indelevelmente a decoração das grandes capitais dos tempos modernos, enquanto o latim dos nossos programas de humanidade estava morrendo. O caso emblemático da cidade de Montpellier, na França, portanto, ser utilizados para apoiar o tratamento da questão, à primeira vista absurdo, eu admito, um relatório assumido entre uma decoração monumental tão óbvio como perene tão marcantes como desconhecido ou incompreendido, e a prática dos *MOOCs*.

A premissa sobre a qual confio aqui é que uma das condições da compreensão profunda de nosso ambiente urbano é trazê-los *de visu* para nossas vidas, a fim de examiná-los, tratá-los como o conhecimento de um historiador em si mesmo. Enquanto estamos em um momento em que agora novas tecnologias podem mostrar e, portanto, melhor do que nunca, ver tal ambiente, à distância, pelos traços monumentais que oferece à visão, como um passado tão reificado e que o história ajuda a restaurar.

A abordagem é um pouco familiar para mim depois que me foi dada a oportunidade de trabalhar na elaboração de tais narrativas funcionais, no âmbito dos meios propostos pelo Conselho da Europa em seu vasto projeto de história compartilhada *online* - *Shared History*<sup>2</sup> - ou meio de ensino para a licença francesa, com repercussões na experiência que eu pude liderar no âmbito dos recursos educacionais suíços de língua francesa para a escola obrigatória, recentemente. Mas é essa insistente interrogação que finalmente me leva a examinar as potencialidades didáticas dos espaços monumentais urbanos: não seriam eles, mais ou menos, *MOOCs* ?

## O arquétipo parisiense do plano de estudos urbano

Os espaços monumentais das grandes capitais ocidentais, estruturado, organizado, mobilado, ornamentada ... são todos os conjuntos abertos à vista de todos, de alojamento, pequeno-almoço, turista, estudante ... decorações, levando as representações plásticas de valores a sociabilidade e política das nações que os moldaram paciente-mente durante os reinos ou presidências. De fato, em conjunto, eu especulei que nós vamos examinar aqui, que eles poderiam constituir formas de *MOOCs* antes da carta, o tempo antes do digital - uma forma de *Massive Open Online Courses* -. Sim, é verdade, uma vez que tais dispositivos urbanos monumentais se desenvolvem no coração de nossas capitais, se tomarmos os mais importantes e significativos programas visuais reais, fornecidos por mestres ou ci- ciones que não estão presentes nas próprias premissas de seu ensino - o que seria bom, se necessário, a marca de um *MOOC* -. Esquemas de estudo instruindo no modo de convivência, pelas

---

<sup>2</sup> Segregação social educacional. De Paris a Berlim : duas capitais para entender a gênese e o desmembramento da segregação social pedagógica dos sistemas educacionais europeus (séculos XVII-XX)), in *The Development of Education. Shared Histories for a Europe without Dividing Lines*. History Teaching, Strasbourg Council of Europe 2014, versão online : <http://shared-histories.coe.int>, pp. 290-317.

representações da política, atribuindo a cada um a ocupação de um espaço apropriado e a morar ali, demonstrando-se, se necessário, de acordo com os pólos correspondentes aos valores de cada campo, de cada classe social, encontrando ali uma área central consensual, neutralizada, fonte de encontros políticos, se não cidadãos.

Dou imediatamente um exemplo, do mais emblemático plano urbano dos mais emblemáticos, sem dúvida, com valor de verdadeiro arquétipo : Paris, em sua versão atual, com uma breve explicação de suas características.

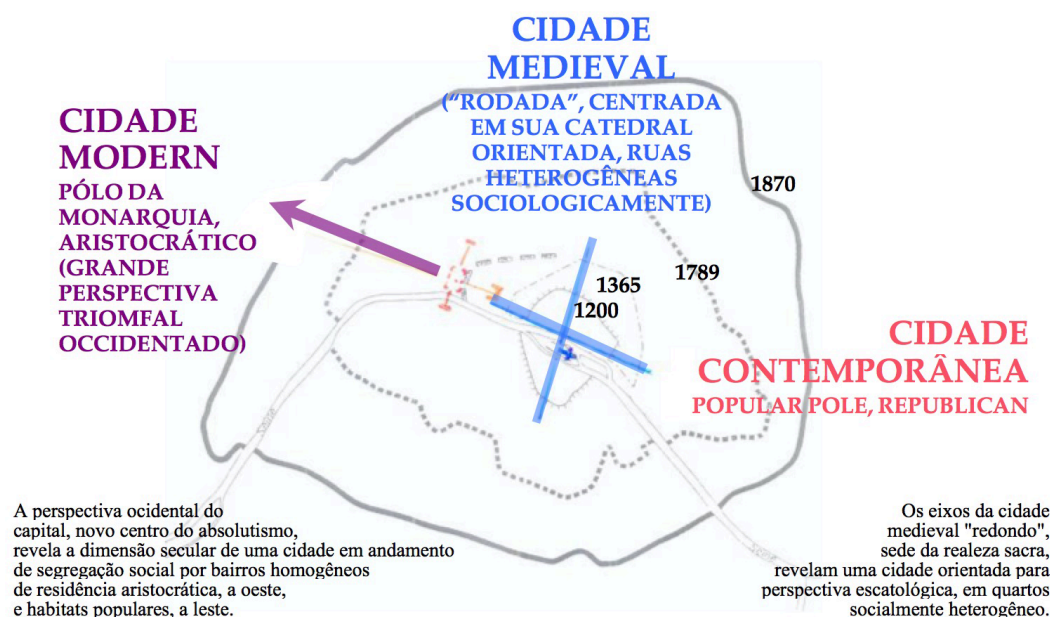


Figura 1

### Paris: eixos da cidade medieval orientada e grande perspectiva ocidental da capital moderna

(BUGNARD 2013, p. 20)

Os eixos da cidade medieval "redonda", sede da realeza sacra, revelam uma cidade orientada para a perspectiva escatológica, em bairros socialmente heterogêneos. A perspectiva ocidental da capital, o novo centro moderno do absolutismo monárquico, revela a dimensão secular de uma cidade no processo de segregação social, evoluindo para bairros homogêneos de residência aristocrática no oeste e assentamentos populares, mais e mais trabalhadores, para o leste. Pólos opostos cada um com sua própria monumentalidade: edificando com valores aristocrático-burgueses e monárquicos de um lado, trabalhadores populares e republicanos, de outro.

A capital é transformada em um espaço educacional total preparado para cidadãos instruídos ou acostumados a emblemas que expressam seus valores de referência. Muitas vezes, como em Paris, Berlim ou Londres, cada uma das duas "humanidades" se vê relegada entre um Oriente popular e um Ocidente burguês, lado a lado sem se encontrarem.<sup>3</sup> Cada classe social se conforma assim aos códigos monumentais de sua própria sociabilidade, dentro de um território urbano organizado em dois pólos segregantes. Com a democracia liberal, o dispositivo evoluindo, os dois lados colidem menos e menos armas na mão. *La Commune* aparece como a guerra civil social final em Paris, por exemplo, com um desfecho trágico no *Mur des Fédérés*, onde os últimos *Communards* são mortos nos bairros operários do Oriente. Conformando-se aos cânones do plano de estudos urbano concluído na virada do século XX com a democracia liberal, no auge dos impérios coloniais, cada lado encontra a monumentalidade icônica, de acordo com suas necessidades de demonstrar-se pacificamente. Ambos os lados podem se reunir em dias de feriados nacionais ou eventos consensuais em torno de um grande eixo triunfal com emblemas neutralizados: os *Champs-Élysées*, para Paris (Figura 2). Neutralizados porque emprestados da antiguidade, não caindo assim sob os valores da direita nem da esquerda, nem os valores da monarquia nem os da república, mas as figuras atemporais de uma decoração utópica. No fim de seu estado atual, de leste a oeste: *Pyramide du Louvre*, *Arc de triomphe du Carrousel*, *Tuileries*, *Obélisque de la Concorde*, *Champs-Élysées*, *Arc de triomphe de l'Étoile (Charles de Gaule)*, *Avenue de la Grande Armée*, *Grande Arche de la Défense* (ou também: *des Droits de l'homme*)...

Assim opera o plano de estudos parisiense, como os das outras grandes capitais européias, por ensino aberto e à distância sob os auspícios de instituições públicas que atuam como "mestres presentes à distância". A mola principal de sua operação é evidente pelo seu simbolismo e pela avaliação de seus efeitos de conformidade com seus cânones. Também podemos nos perguntar até que ponto esse modelo não foi transposto nos EUA, Washington em particular, no século XVIII, e talvez, com analogias, em Brasília no século XX. Seria outra história.

<sup>3</sup> Sobre a origem desta bipolarização social Oriente / Ocidente, ver: BUGNARD 2013, *Résider, habiter*, pp. 215-295 (notamment: *La thèse des vents dominants, Hypothèses au démarrage de l'occidentalisation parisiense*).

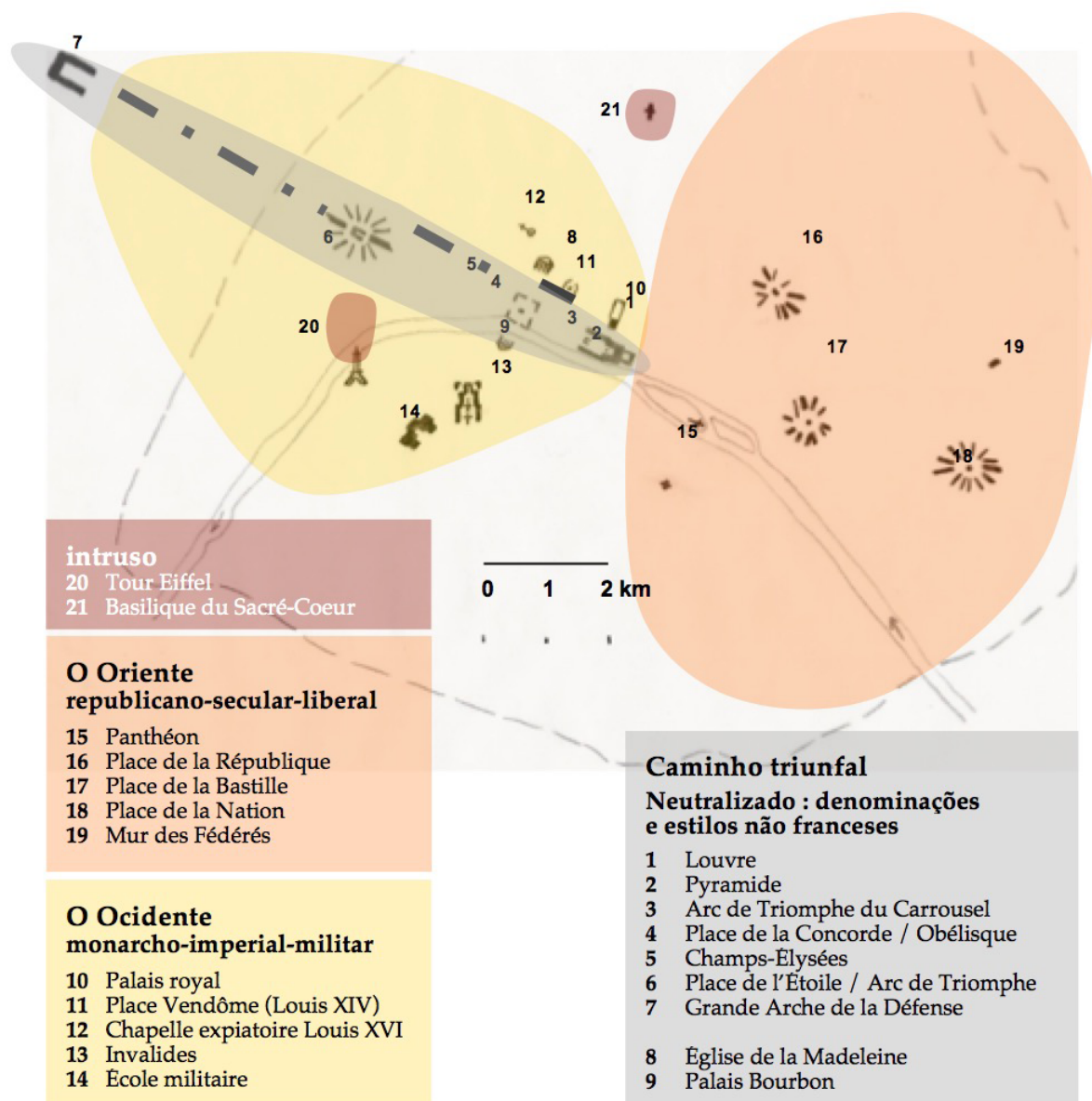


Figura 2

**Paris: bipolarização Oriente trabalhador-popular / Ocidente aristocrático-burguês e grande eixo ocidental cívico neutralizado**

(BUGNARD 2006/2013, p. 30. Síntese depois : AGULHON Maurice, «Paris. La traversée d'est en ouest», in : *Les lieux de mémoire, III. Les France, 3. De l'archive à l'emblème* (NORA Pierre, dir.), Paris NRF Gallimard 1992 ; DEMOULE Jean-Paul, «Lascaux» in : *Les lieux de mémoire III. 3.*, op.cit. p. 64).

Tais dispositivos plásticos, monumentais... abertos e cujo ensinamento é feito remotamente graças ao espaço público que ocupam, precederam e depois acompanharam o mais comum ensino presencial, conhecido como "classe" habitual da escola moderna, essencialmente a partir do século XVI. Tais planos monumentais de estudo, especialmente os das grandes capitais, constituíram até mesmo uma forma maciça de transmissão dos valores essenciais à vida comunitária, social e cívica, até os dias atuais, favorecendo o desdobramento e o controle do comportamento político por validação da sua conformidade com as normas sociais que os simbolismos espaciais que eles oferecem à visão de todos retornam. Mas não-sons, em vez da demonstração, por um caso emblemático, revelando uma pedagogia magistral do espaço.

## O caso da *Place royale du Peyrou* em Montpellier

Porque basicamente, qual é o fator desencadeador do sentimento da presença de um magistério ausente? No exemplo dado aqui em Montpellier, no sul da França, um magistério distante não só no espaço - Versalhes está a quinhentos quilômetros de distância - mas também, é claro, no tempo - todo transeunte, seja qual for tempo, pode se beneficiar do ensino apresentado pelo dispositivo de tal lugar real.



Figura 3

### Montpellier, *Promenade du Peyrou* (*Place royale*)

(Foto do autor, 2014)

No fundo, a torre de água (1768) alimentada pelo aqueduto que esconde. No centro, a estátua equestre de Luís XIV (1718 e 1828). Em primeiro plano, o Arco do Triunfo (1691) adornou a inscrição que celebra o longo reinado do monarca absoluto.

A inscrição é como eles dizem "gravado em mármore". Convida a uma mensagem, uma educação capital, feita para durar. É em latim, a língua franca do poder monárquico, uma marca de grandeza e perenidade igual à do Império Romano. Resta populações incompreendidos, mas pode facilmente ler, ao dispositivo de conclusão, após a *Révolution de Juillet* (1830), o sentido de um complexo monumental com os benefícios trazidos pela monarquia ao longo dos séculos: água e paz. A paz simbolizado pelo rei a cavalo prepara-se para entrar na cidade, ele tem pacificado o país, acenando na direção da Espanha, que poderia passar para o Tratado dos Pirinéus (1659) selando o triunfo dos Bourbons aos Habsburgos .

Que ensino mais demonstrativo para estabelecer o poder real, exibir sua magnanimidade e seus triunfos ?

A composição do conjunto passou por várias épocas, incluindo a Revolução, que foi finalmente anti-monárquica. Tomemos a leitura que podemos fazer dela no momento de sua conclusão, em seu estado atual, adquirido sob Louis Philippe. No arco triunfal que Luís o Grande está prestes a pegar emprestado, mostrado como um conquistador, com os braços levantados indicando a direção de suas campanhas vitoriosas, a inscrição afirma que, ao longo de 72 anos de reinado, foram necessárias 40 guerras. levar os países rebeldes à conciliação, em terra e no mar !

O ensino assim gravado em mármore, em latim, portanto essencial, apresentado monumental, à vista, concebido e esbanjado por vários séculos (certamente, será logo contestado), é o seguinte, simplificando :

*« Preste homenagem aos monarcas que são os garantes de suas existências terrenas, que trouxeram a água de suas fontes por aqueduto e torre de água, existindo desde então inscritos na grandeza de uma nação que eles anunciam a você eterna pela glória de suas conquistas, a unificação religiosa, a garantia e a segurança das suas fronteiras ! »*

Um aqueduto, uma torre de água, uma estátua equestre, um arco triunfal... em frente à cidade : este é o dispositivo monumental que é a fonte de uma educação aberta, esbanjada por uma série de representações plásticas à vista - "online", de alguma forma, desde que sejam notados como tal - pela decoração explícita de uma perspectiva monumental inscrevendo a força de um poder, reificando-o... tornando-o presente. O de uma dinastia real ensinando seus súditos à distância, já que os doadores de lições são, segundo a fórmula, "presentes à distância". Eles estão em Versalhes ou Paris, isto é, dias e dias de *grands chemins*, e sua presença distante é neste caso marcada pela estátua eqüestre do mais ilustre deles, pelo inscrição acadêmica de seu ensino em mármore, a demonstração de seus benefícios manifestados na ordem dos monumentos e o uso doméstico da água de que permitem a distribuição dos bons fatos.



Figura 4

**Montpellier, aqueduto Saint Clément et château d'eau**

(Photo de l'auteur, 2014)

Visto do pôr do sol, o aqueduto de mais de 17 km. Colocado no topo da cidade por razões de gravidade, permite a distribuição do líquido precioso também às grandes fontes dos lugares públicos do que as de cada bairro.

A monarquia parece assim consagrar a água e sua distribuição no final do século XVIII, sob os primeiros efeitos da revolução industrial. A monumental torre de água - apropriadamente chamada - é considerada como um templo de nova higiene e bem-estar para todos.

Isso não é tudo. Para o ensino ocorrer, deve haver verificação da aprendizagem. Mas a verificação da compreensão de tal ensino só pode ser feita sobre os fatos. Como? Pela escravização ou pelo protesto resultante, isto é, por uma atitude política empurrando à revolta, para ver a revolta armada, até *Mai 68* para Paris, uma atitude que hoje, pela graça da democracia, deriva do princípio da maioria absoluta. Esta é a razão pela qual, referindo-se à monarquia, sistema ultrapassado na França, o dispositivo monumental de Montpellier não tem mais uma função histórica. Ele teve o seu dia.

Para uma capital real ou republicana, por outro lado, um lugar alto para as representações e, portanto, as manifestações políticas da nação, os recursos desse plano de estudo serão projetados para alcançar o universal, no contexto de uma sociedade compartilhada, como nós vimos isso para Paris. Isso não é trivial, especialmente se considerarmos que tais dispositivos renovam o princípio da educação a distância aberta iniciada pela catedral medieval, depois da Acrópole ou do Fórum romano.





Figura 5

### Montpellier, estátua equestre de Luís XIV

(Foto do autor, 2014)

Luís o Grande, prepara-se para entrar na cidade pelo arco triunfal que celebra sua glória e seus benefícios. Qual a melhor forma de mostrar o soberano conquistando, brandindo um dos atos de paz confirmando a pacificação de Midi por fronteiras seguras com a Espanha ?

Quem ousaria estabelecer uma monarquia cujo maior soberano teria feito isso? Devemos acreditar que tal demonstração pode revelar-se fútil, uma vez que a Revolução seguiu em breve a conclusão do dispositivo.

A educação a distância massiva, quando é propagada, corre o risco de um efeito contrário. Tal numentalidade pode focalizar a hostilidade, quando chega a hora, pela provocação despertada por seu simbolismo antiquado, associado à tirania, quando queria sugerir um despotismo esclarecido.

### Distância do tempo, distância espacial

A idéia de dar um lugar à relação professor-ensinadora examinada em termos do tempo e do espaço que governa a distância, essa idéia me ocorreu durante um simpósio sobre a experiência do campus digital *FORSE* (*Formations et Ressources en Sciences de l'Éducation*), um dispositivo de ensino à distância da Universidade de Rouen, ao qual eu colaborei com o *MARDIF* (*Master de recherche à distance francophone*) de 2002 a 2015.

A distância ! Tal é a característica de qualquer dispositivo de treinamento em que o professor, por definição, não é "presente", onde quer que seus alunos estejam na francofonia, por exemplo, no caso de *MARDIF*. O domínio do espaço, a chave para todo o aprendizado a distância, é automaticamente atribuído às oportunidades oferecidas pelo surgimento de novas tecnologias da informação. Nature publicado em 2013, uma estatística o rápido desenvolvimento de uma das maiores *MOOCs* : em pouco mais de um ano, cerca de três milhões de usuários de todas as origens, de todas as disciplinas, não foram recrutados on-line (WALDROP 2013).

Isso significa que não foi até a galáxia da mídia digital que as condições para a educação à distância foram cumpridas ? Para não mencionar a formação por correspondência criado na França em 1939, depois de tudo, antes do lançamento do papel que autoriza métodos de exercício e prática pela supervisão imediata de um mais educado, não é necessário aprender sem a intermediação de um monitorar, pelo menos em todas as situações, de longe o mais difundido, onde não poderíamos pagar serviços e onde tudo, ou quase tudo, dependia de uma transmissão oral ou visual, por contato direto com o conhecimento?



Figura 6

### A lenda da Santa Cruz, Arezzo (Itália)

Um exemplo, apenas um, de dispositivo de ensino pela imagem de valores religiosos na sociedade sacral medieval, caracterizado pela primazia da perspectiva escatológica. Um dispositivo não exige a presença de nenhum magistério pessoal.

Em contato com os afrescos de Piero della Francesca, oferecidos à vista de todos (aqui já, como "online"), os fiéis podem aprender sobre a história cristã desde sua origem, isto é, desde Adão. .

Tal programa iconográfico, pela profusão de imagens que oferece a todos aqueles que querem ver para acreditar, de acordo com a fórmula estabelecida, atinge seu objetivo de instrução? Tudo dependerá da didática da qual seus espectadores se beneficiarão: serão simples contempladores ou conseguirão agarrar o arcano ... com a ajuda talvez de um cicerone? Nesse caso, o ensino retorna à sua atual dimensão de transmissão direta, não distante.

Um exemplo entre milhares de outras das imensas capacidades de instrução direta das obras plásticas ao longo dos séculos, especialmente antes da era da difusão do papel e da imprensa, cujo apoio e as técnicas completam as do apenas apresentação direta de imagens.

© <https://commons.wikimedia.org/wiki/User:Louis-garden>  
(Acessado em 13 de abril de 2018. Trecho retocado).

### Tipologia da educação a distância aberta

A problemática do espaço pedagógico, central na noção de distância, característica de toda formação não "presencial" (JACQUINOT 1993), é a relação entre o aprendiz que não tem um professor ao seu lado e os recursos de um treinamento aberto. Tal relação depende mais exclusivamente do espaço do que aquele mantido na aula em método simultâneo ou dentro de grupos de níveis na diferenciação pedagógica. Especialmente se os recursos não vêm da galáxia de Gutenberg ou da mídia eletrônica, mas de um ambiente que consiste na decoração de planos de estudo de plástico projetados para sociedades de pré-alfabetização..

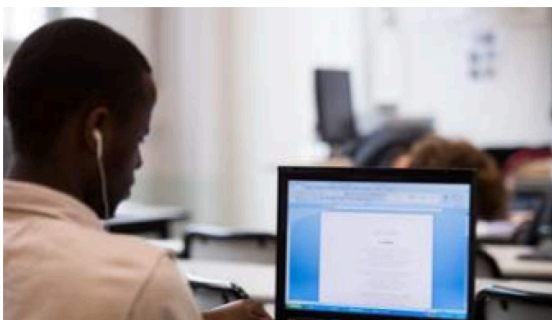


Figura 7

### MOOCs e plano plástico de estudos

Aqui, o ensino é dado remotamente, transmitido por uma câmera, recebido na tela dos alunos.

No caso de um plano de estudo plástico como o de Montpellier, o ensino também é dado remotamente, transmitido por observação direta, recebido "à vista" da decoração de plástico que atua como tela.

Esta é a única diferença, exceto, é claro, a própria forma que cada um desses ensinamentos pode tomar : dotada de uma presença da distância magistral imediata ou deslocada para um MOOC; uma presença da distância necessariamente remota no tempo com um plano plástico de estudos histórico.

© <http://int.search.myway.com/search/AJimage.jhtml>  
(Acessado em 13 de abril de 2018)

Tal relação pode ser entendida na longa duração da história educacional, de modo a compreender melhor o papel do espaço que a caracteriza, no âmago do mistério imaterial da distância educacional. Em outras palavras, se *educação a distância* - ou melhor, *treinamento aberto* (cujo conteúdo é acessível diretamente) e *distância* (fora do controle direto de um diretor de estudo) –

« é um ensinamento que não inclui, nos lugares onde é recebido, a presença física do mestre encarregado de dispensá-lo, ou ter tal presença apenas ocasionalmente ou para um certo exercício » (ORAVEP, 1994),

então, na história das práticas educacionais ocidentais, existem formas de ensino-aprendizagem compostas de recursos orais ou visuais que são diretamente acessíveis e cuja compreensão não requer nenhuma presença direta, contínua e magistral para ser dominada.

Hoje, o ensino aberto e a distância é definido por uma distribuição em quatro variantes clássicas (BLANDIN 1999) :

- *dispositivos tradicionais de aprendizagem à distância*, acumulando ausências de instrutores e de rede;
- *dispositivos baseados em Centros de Recursos*, caracterizados pela ausência de uma rede e pela presença de um treinador;
- *dispositivos de teletrabalho ou campus virtual*, combinando a presença do instrutor e da rede;
- *dispositivos de auto-treinamento on-line*, caracterizados pela presença na rede e falta de instrutor.

O dispositivo apresentado aqui com o caso do Lugar Real de Montpellier, como um treinamento aberto cujo relatório ou distância ensinou-formador é realizado pelo referente do teste dos fatos, em minha hipótese, tal um recurso, por isso, preferiria ser a categoria de dispositivos *de auto-treinamento on-line*. Desde que a rede, neste caso, não é feita de dados virtuais "on-line", mas de recursos "em vista" (as representações da monumentalidade profana ocidental usada por uma monarquia como propaganda política). Pode-se mencionar também o caso dos recursos intangíveis, como as representações sonoras da salmodia gregoriana para a sociedade sacral (medieval) ocidental (BUGNARD 2006/2013, *Savoir par cœur, psalmodier, solmiser...* , pp. 53-120).

## **O indicador da noção de espaço educacional**

Tudo é então ajustado de acordo com um espaço educacional que funciona como suporte para uma troca transmissora / receptora - da boca que emite para a orelha receptora, da imagem para o olho no registro icônico - pela didática sensorial. estética, cuja eficácia não será surpreendente na idade do nosso ensino ativo ou nos nossos *MOOCs*. Não poderia a distância que separa o aprendiz de seus objetos de conhecimento constituir esse facilitador decisivo da apreensão das noções e valores buscados no âmago dos planos reais de estudo oral e visual? Tais programas eu serializei durante o trabalho de habilitação publicado no *Le Temps des espaces pédagogiques. De la cathédrale orientée à la capitale occidentée* (BUGNARD, 2006/2013), com as condições de estudo de impregnação por via oral - por solmisation gregoriano - irradiação ou edifício visuais - por contemplação da janela da Sé, monumentalidades do palácio real ou da capital -. Tantas situações singulares em que o espaço é transformado em uma forma de abertura primordial da distância para um ensino que faz sem qualquer mediação magistral, sendo a validação de seu aprendizado testada contra os fatos, em situação. Podemos assim acompanhar a evolução dos dispositivos plásticos de formação abertos e remotos que o Modern Times se comprometeu a renovar da catedral, tomado como arquétipo da transmissão dos valores da sociedade sacra, medieval, no campo da palácio-jardim-real, urbanismo e monumentalidade das grandes capitais, com a transmissão de valores seculares e políticos.

## **Cara a cara... a distância...**

Para apreender a realidade da educação a distância aberta, pode-se partir do oposto, com formas face-a-face desenvolvidas para a escola. O pintor sueco Peter Tillberg, representante da corrente crítica da escola, deu uma visão marcante da relação professor-aluno induzida pelo espaço da "classe" moderna. Em uma pintura emblemática do Museu de Arte Moderna de Estocolmo, observamos notavelmente o alinhamento das carteiras, o posicionamento frontal e o isolamento dos alunos.



**Figura 8** « *Você vai ser rentável, minha querida?* » (Pintura do pintor sueco Peter TILLBERG)

Uma impressionante representação da "classe", tanto forma quanto lugar induzindo uma relação panoptica de mestre-aluno (daí o título da pintura). A classe permanece a forma privilegiada da escola durante séculos, por excelência lugar de uma transmissão direta de conhecimento, um ensinamento de um mestre por definição "presente". Inventada no final do século XIV, o espaço é desenhado de modo a favorecer o método simultâneo com os alunos ouvindo, exercitando e examinando ao mesmo tempo, ao contrário do método medieval individual... e aos formulários atuais regidos pelos MOOCs.

Peter TILLBERG, *Blir du lönsam lille vän ?* 1972, citado por : Horst SCHIFFER ; Rolf, WINKELER *Tausend Jahre Schule. Eine Kulturgeschichte des Lernens in Bildern*, Stuttgart – Zürich Belser Verlag 1994, p. 143. © Clichê do Museu de Arte Moderna Stockholm.

Tudo o que aqui corresponde aos requisitos do método simultâneo absoluto cuja panopticismo mestre proporciona uma garantia para a realização do programa, numa promoção perspectiva / retenção selectiva sugerido pela pergunta irritante que serve como o título para a tabela: a *blir lönsam Lille vän ?* - "Você será rentável meu pequeno?" (TILLBERG, 1972). Os alunos esboçou rosto lançou um olhar de busca - ou preocupado - para um que parece o toiser, o representante do acadêmico, mestre ... cujo lugar é ocupado aqui pelo espectador da própria pintura. Um espectador terrivelmente envergonhado no fundo, tanto pelo título quanto pela força dos olhos. Sem dúvida, sem dúvida, a representação do ensino face-a-face terá sido tão poderosamente sugerida!

Essa relação pedagógica nasceu da emergência, a partir do século XV, da classe moderna como lugar de aplicação do exercício e do exame, no âmbito do método simultâneo. Mas enquanto se pode sugerir com realismo a força da relação pedagógica em sala de aula sem mostrar o mestre, e esse é o gênio de Tillberg, seria possível evocar a relação específica para o ensino à distância ? Aceitaríamos uma tabela mostrando um aluno, na ideia de que o mestre que não vê, aguardando seu trabalho para uma validação ? A história da educação, no entanto, indica que houve um tempo de ensino aberto, mesmo a distância, por excelência, uma época em que o espaço era o fator chave em qualquer disseminação de conhecimento.

A cidade antiga funciona como um palimpsesto para aprender o historiador do espaço-tempo. Poderíamos levar o caso de Paris, de uma cidade particularmente adequada para a busca de camadas reconstruindo a história social e cultural de nossas cidades, ao longo de mil anos: Paris, arquétipo da educação a distância monumental, foi isso que desenvolvi em *Le Temps des espaces pédagogiques* (BUGNARD 2006/2013), com a apresentação, aqui no início do artigo, de um dos desenvolvimentos essenciais desta pesquisa.

Finalmente, em longa duração e em amplo espaço, cada decoração monumental aparece como um plano de estudo cujos programas plásticos federam enquanto instrumentalizam. A catedral e a cidade medievais mostram aos fiéis os sinais de sua salvação enquanto enquadram as condições de sucesso ou fracasso de acordo com uma invenção sagrada absoluta: a vida futura. O palácio e a cidade modernos exibem a grandeza e a glória do monarca, atribuindo o assunto à sua condição, preparando a edificação política do cidadão e seu condicionamento partidário em um ambiente leniente, de acordo com outra invenção secular absoluta: a promessa eleitoral.

Sem dúvida, como a *Place royale* em Montpellier, tais dispositivos parecem corresponder às características essenciais de nossos *MOOCs* contemporâneos ... desde que possamos nos mover para a dimensão digital que permite a distribuição dos destinatários do ensinando em um espaço ilimitado, explodiu ... talvez incontrolável.

\* \* \*

## Referências

- M. AGULHON (1992), Paris. La traversée d'est en ouest. *Les lieux de mémoire III. Les France, 3. De l'archive à l'emblème* (P. NORA, dir.). Paris : NRF Gallimard.
- J. BASCHET (2004), *La civilisation féodale. De l'an mil à la colonisation de l'Amérique*. Paris : Aubier «Collection historique».
- B. BLANDIN (1999), *La formation ouverte et à distance : état des lieux*. En ligne : <http://cefamille.pagesperso-orange.fr/DOC-FOAD-Blandin.htm>
- P.-Ph. BUGNARD (2006, rééd. 2013), *Le Temps des espaces pédagogiques. De la cathédrale orientée à la capitale occidentée*. Nancy : PUN – ÉUL.
- J.-P. DEMOULE (1992), Lascaux. *Les lieux de mémoire III. Les France, 3. De l'archive à l'emblème* (P. NORA, dir.). Paris : NRF Gallimard.
- H. HIMELFARB (1986), Versailles, fonctions et légendes. *Les lieux de mémoire II. La Nation, 2. Le territoire, l'État, le patrimoine* (P. NORA, dir.). Paris : NRF-Gallimard.
- HOBBSAWM E. & RANGER Th., (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge: University Press (*L'invention de la tradition*, trad. par Vivier Ch. Paris: Éditions Amsterdam, 2006).
- HUMPHREY, C. ; VITEBSKY, P. (2002). *L'architecture sacrée. Modèles cosmiques, formes et ornements symboliques, traditions occidentales et orientales* (trad. de l'anglais par Carteron, S.. Titre original : *Sacred Architecture*. London U.K. : Duncan Baird Publ., 1997), Köln : Evergreen.
- M. HONEGGER (1996/1976), Chant grégorien. *Connaissance de la musique*. Paris : Bordas «Les Savoirs».
- G. JACQUINOT (1993), Apprivoiser la distance et supprimer l'absence ? Ou les défis de la formation à distance. *Revue française de pédagogie*, 102 (1-2), pp. 55-67.
- ORAVEP (1994), *Formation Ouverte et à Distance : la situation en France*. En ligne : [http://www.viviani.org/tice\\_fod/tice/definit](http://www.viviani.org/tice_fod/tice/definit)
- J.-L. PINOL (1994), Les historiens et les phénomènes de ségrégation. J. BRUN & C. RHEIN (Eds.). *La ségrégation dans la ville*. Paris : L'Harmattan.
- É. POMMIER (1986), Versailles, l'image du souverain. *Les lieux de mémoire II. La Nation, 2. Le territoire, l'État, le patrimoine* (P. NORA, dir.). Paris : NRF-Gallimard.
- R. RECHT (1999), *Le croire et le voir. L'art des cathédrales (XII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> s.)*. Paris : Gallimard «Bibliothèque illustrée des Histoires».
- P. TILLBERG (1972), *Blir du lönsam lille vän ?* © Musée d'Art moderne Stockholm. Voir : H. SCHIFFER et R. WINKELER (1994). *Tausend Jahre Schule. Eine Kulturgeschichte des Lernens in Bildern*. Stuttgart – Zürich : Belser Verlag.
- M. M. WALDROP (2013), Campus 2.0. Massive open online courses are transforming higher education – and providing fodder for scientific research. *Nature* 160/vol 495/March.